



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

### AINDA TEM CABOCLO DEBAIXO DA SAMAMBAIA!

Ramon Santos Gusmão  
(UESB)<sup>83</sup>  
Grazielle de Lourdes Novato Ferreira<sup>84</sup>  
(UESB)

#### RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as especificidades das representações religiosas do "Caboclo" - entidade que simboliza o elemento indígena - identificadas nas distintas religiões de matrizes-africanas, por um lado, e, por outro, pelo Espiritismo Kardecista na cidade de Vitória da Conquista.

#### INTRODUÇÃO

As Religiões Afro-Brasileiras formam um complexo cultural disseminado por quase todo o território nacional e, atualmente, estão sendo instaladas em Portugal<sup>85</sup>, EUA e em países platinos.<sup>86</sup> Apesar de possuírem um patrimônio simbólico em comum, elas não são caracterizadas por uma homogeneidade cultural. Elas se perpetuam e reafirmam em meio a uma tensão entre a unidade e multiplicidade. O Candomblé predomina na Bahia, o Xangô em Pernambuco, o

---

<sup>83</sup> Discente do curso de História. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra

<sup>84</sup> Professora do Departamento de História. Mestre e doutoranda em Ciências Sociais pela PUC-SP. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em História da África e da América Negra.

<sup>85</sup> A Revista Espiritual de Umbanda Ano 01 nº 03 traz uma reportagem que ilustra a implantação da umbanda em Portugal. A matéria foi intitulada desta forma: ABRATU leva Pai Guimarães a Portugal.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

Tambor de Mina no Maranhão, a Umbanda no Rio de Janeiro e em São Paulo e, por fim, o Batuque no Rio Grande do Sul.

As culturas afro-brasileiras foram perseguidas e sufocadas até recentemente pela cultura religiosa Católica Apostólica Romana e, atualmente, estão sofrendo uma perseguição implacável de algumas denominações evangélicas que, não satisfeitas em pregar suas doutrinas, consideram-nas como manifestações demoníacas e pagãs. Também é perceptível que, uma parcela considerável da sociedade brasileira expressa, no dia-a-dia, antagonismos diversos em relação à cultura afro, na sua dimensão mágico-religiosa, que é muito pouco entendida pela maioria de tal sociedade. Neste sentido, a intolerância às religiões e religiosidades de matrizes africanas tem funcionado como um dos principais enquadramentos da ideologia do racismo e na manutenção de mecanismos de marginalização e exclusão social dos adeptos das religiões dos orixás, inkices e voduns.<sup>87</sup> Na atualidade, o neopentecostalismo, o pentecostalismo sataniza tais sistemas sagrados buscando legitimação em passagens das Sagradas Escrituras<sup>88</sup>.

Justificam-se, dessa maneira, os distintos rituais de exorcismos praticados e o combate a essas religiões pelas vertentes religiosas acima citadas.

O livro “Orixás, Caboclos & Guias, Deuses ou Demônios?” do Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus - IURD (censurado pela juíza Nair de Castro, da Quarta Vara Federal da Bahia, em 2005, por negativizar as religiões de origens africanas), traz, em seus 20 capítulos, inúmeras agressões indiretas e diretas endereçadas ao Candomblé, à Umbanda, à Quimbanda, bem como ao

<sup>86</sup> ORO. Ari Pedro. Migração da Religião dos Orixás para o Cone-Sul. In: MARTINS, Cléo & Lody, Raul (Org.). Faraimará- O caçador traz Alegria. São Paulo: Pallas, 1999, p. 137.

<sup>87</sup> JESUS, Jayro Pereira de. Terreiro e Cidadania: Um projeto de Combate ao Racismo Cultural Religioso Afro e Implementação de Ações Sociais em Comunidades-Terreiros. In: Racismos Contemporâneos/ organização Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed. , 2003, p 188

<sup>88</sup> As citações bíblicas que seguem são apenas algumas exemplificações das muitas utilizadas para legitimar a intolerância religiosa das Igrejas Evangélicas para com as religiões de matrizes africanas: Deuteronomio 13:1-3 ; Jeremias 29: 8-9; Apocalipse 22:14-15; Levítico 19: 31; Levítico 20:27; Isaías 8:19..

Espiritismo<sup>89</sup>. O livro alicerçado em fontes bíblicas traz argumentos que objetivam convencer que as religiões citadas não possuem inspiração divina, e sim, de “Satanás”. Nas linhas que seguem foram transcritos alguns trechos do livro que evidenciam o discurso da referida instituição:

No Brasil, em seitas como Vodou, Macumba, Quimbanda, Candomblé ou Umbanda, os demônios são adorados, agradados ou servidos como verdadeiros deuses. No espiritismo mais sofisticado, eles se manifestam mentindo afirmando serem espíritos de pessoas que já morreram (médicos, poetas, escritores, pintores, sábios, etc). Se fazem também passar por espíritos das pessoas da própria família dos que se encontram nas reuniões quando são invocados, para “prestar caridade”ou receber uma “doutrina”[...] No candomblé, Oxum, Iemanjá, Ogum e outros demônios são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na Umbanda [...] preferem chamar os “espíritos desencarnados” ou “espíritos menores”(caboclos, preto-velhos, crianças, etc.) para os representarem e, a estes, obedecem e fazem os seus sacrifícios e obrigações. Na quimbanda, os deuses são os exus, os quais são adorados e servidos no intuito de se alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou o marido de alguém, obter favores por meios ilícitos etc.[...] Os exus, os preto-velhos, os caboclos ou o “santos” são espíritos malignos sem corpos e que anseiam achar um meio para se expressarem neste mundo [...] Os demônios atuam desde as seitas mais primitivas vindas da África, até os salões da sociedade moderna. (MACEDO, 2000, pp 25-35).

---

<sup>89</sup>Os Kardecistas também são alvo das Igrejas protestantes; em contrapartida, eles também buscam legitimação na Bíblia para justificar suas práticas religiosas. O livro “O Evangelho Segundo Espiritismo” de Allan Kardec, obra básica da Codificação Espírita, pretende explicar os ensinamentos morais das Sagradas Escrituras (principalmente do Novo Testamento) em concordância com o arcabouço doutrinário que se propõe.

O universo afro-brasileiro não é apenas vivenciado mediante experiências sacralizadas de oferecimentos e comprometimentos com Orixás, Preto-Velhos, Caboclos e ou Exus, é também vivenciado ao adentrar e seguir uma hierarquia social que se difere na sociedade em que vivemos.

No Brasil, os mitos e crenças trazidos pelos africanos nos navios negreiros foram reinterpretados e reajustados às novas motivações sócio-culturais, surgindo variações significativas nas terras ocidentais do Atlântico Sul. Em todo o continente africano eram cultuados cerca de 600 orixás, no Brasil o panteão gegênagô é composto por 16 Orixás (Oxalá, Nanã, Iemanjá, Exu, Oxossi, Oxum, Iansã, Ogum, Logun Edé, Iroko, Oxumarê, Obaluaê, Obá, Ewa, Xangô e Ossaim ). Os Orixás cultuados pelos africanos e seus descendentes, em nosso país, não foram aqueles que propiciavam boas colheitas ou algo semelhante, já que acreditava-se que poderia trazer benefícios para os seus algozes. Neste sentido, os escravos tiveram preferência por Orixás guerreiros. Pierre Verger, no livro “Orixás, Deuses Yorubás na África e no Novo Mundo” conceituou o termo Orixá da seguinte forma:

O Orixá é uma força pura, à se imaterial que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se um deles. Esse ser escolhido pelo orixá, um de seus descendentes, é chamado seu elégún, aquele que tem o privilégio de ser “montado”, gún, por ele. Torna-se veículo que permite o orixá voltar à terra para saudar e receber as provas de respeito de seus descendentes que o evocaram. (VERGER, p. 19).

Ao contrário do que o senso comum nos informa, o Candomblé<sup>90</sup> não é uma religião africana, e sim brasileira. A referida religião se forma no Brasil através da aglutinação da diversidade cultural-religiosa oriunda de distintas “nações” existentes em África. Neste continente inexistia o Candomblé, e sim culto aos

---

<sup>90</sup> O vocábulo candomblé é um termo originário do termo Kandombile, que significa culto e oração.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

orixás<sup>91</sup>. O culto de Oxum, por exemplo, tem como lugar central a cidade de Oxogbo e Oxóssi, na cidade de Ketu. A contemporânea organização do Candomblé baiano foi iniciado nos primórdios do século XIX. As referências mais antigas à existência de casas de culto desta tradição de matriz africana na Bahia, são de boletins de ocorrências policiais, sendo neles registrados que as perseguições a estas casas são justificáveis pelo fato das mesmas se relacionarem à organização de resistência de negros contra a escravidão. O mais antigo testemunho conhecido da utilização da palavra Candomblé, é do ano de 1826. Na ocasião, africanos que haviam participado da revolta no Quilombo de Urubu, procuraram refúgio numa “casa a que se chama de Candomblé”<sup>92</sup>.

A instituição Candomblé, centenária e fortalecida, polariza não apenas a vida religiosa, mas também a vida social, lúdica e moral, e é também um espaço de resistência da cultura do homem descendente de africano no Brasil. O Candomblé é subdividido tradicionalmente em nações, as mais conhecidas são: Gegê (oriundo dos povos fon), Ketu (oriundos dos povos iorubás) e Angola (oriundos dos povos bantos). O primeiro tipo é mais raro na Bahia e mais comum no Maranhão (conhecido como Tambor de Mina); o segundo é considerado pelos estudiosos do assunto como o mais próximo dos cultos de Orixás realizados em África, enquanto que o terceiro é o mais “abrasileirado”.

No que concerne à Umbanda, uma das variações do Candomblé no Brasil, identifica-se a criação do seu primeiro terreiro fundado em 15 de Novembro de 1908, no Rio de Janeiro, pelo jovem Zélio Fernandino de Moraes (1892-1975) manifestado pelo Caboclo Sete Encruzilhadas, terreiro este denominado Tenda Nossa Senhora da Piedade<sup>93</sup>. Entretanto, o culto umbandista, começou a desenvolver-se de forma organizada a partir da década de 1920 na cidade do Rio

---

<sup>91</sup> Os seguidores destes cultos acreditam que todo ser humano é descendente de um determinado Orixá, de quem herda características físicas e de personalidade.

<sup>92</sup> BERKENBROK, Volney J. A Experiência do Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé/ Volney J. Berkenbrock.- Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. pagina 176

de Janeiro, então capital federal,<sup>94</sup>, sob a liderança de homens como Zélio Fernandino de Moraes e Benjamin Figueiredo. A religião Umbandista surge inserida em um quadro da dinâmica social em que se preconizava o embranquecimento das tradições afro-brasileiras através da inserção de valores do espiritismo no seio da “macumba carioca”<sup>95</sup>. Nas palavras de Bastisde: “A Umbanda é uma valorização da macumba através do espiritismo”<sup>96</sup>. Se, no candomblé a principal referência mágica são os Orixás, na umbanda são os Pretos-Velhos e os Caboclos. O ritual de umbanda, não raras vezes, está associado ao ritual de quimbanda, no qual destacam-se as representações religiosas dos Marujos, Exus<sup>97</sup> e Pombagiras.

A religião umbandista assimilou várias correntes de pensamento e heranças religiosas oriundas da realidade brasileira. No inconsciente religioso umbandista estão presentes valores da cultura nativa dos povos africanos, do catolicismo<sup>98</sup> e do espiritismo. Existem terreiros que também são influenciados por religiões orientais, tais como o hinduísmo e o budismo. Diana Brown afirma que os fundadores da Umbanda:

Eram espíritas insatisfeitos e entediados com o que consideravam ser uma ênfase doutrinária superintelectualizada do espiritismo. Isto os conduziu aos terreiros afro-brasileiros [...] Estes umbandistas pioneiros ansiavam por localizar as origens da umbanda na respeitabilidade das grandes tradições míticas do mundo e

---

93 O nome do terreiro evidencia o sincretismo religioso

94 SOUZA, André Ricardo de. ;Baianos, Novos Personagens Afro-Brasileiros. IN: Encantaria Brasileira: O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados/ Reginaldo Prandi, organizador; textos de Amdré Ricardo de Souza....(et. Al.). -Rio de Janeiro: Pallas, 2001, pp 304.

95 ORTIZ, Renato. A Morte Branca do Feiticeiro Negro.Rio de Janeiro: Vozes, 1978, pp 33-35.

96 BASTISDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. 2ª edição. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1985, p. 439

97 O Exu da Quimbanda não é o mesmo Exu do Candomblé (Orixá Iorubá). Acredita-se que o Exu da Quimbanda é um Egum (Espírito de uma pessoa morta)

98 É notório que o sincretismo afro-católico transforma-se num trampolim que favorece, o trânsito religioso de homens e mulheres que acostumados a liturgia cristã, encontram nos terreiros imagens de santos, cânticos e orações católicas.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

encaravam como sua missão salvar a umbanda das influências negativas associadas ao seu passado africano, purificando-a de suas práticas africanas.<sup>99</sup>

Com grande capacidade de adequação a distintos meios sociais, a Umbanda em poucas décadas conquistou milhares de adeptos e simpatizantes. As diversas vertentes da Umbanda, existentes pelo país, atendem desde os anseios das camadas mais subalternas economicamente, (cujo ideário mágico é a busca da solução de problemas da ordem material) até as classes médias, demandantes de terapias holísticas bem como de mensagens racionalizadas, próximas às oferecidas pelo espiritismo. Existem também segmentos umbandistas que atendem uma clientela impregnada por práticas católicas, em que a utilização do rosário faz parte da ritualística. Nos terreiros mais influenciados pelo kardecismo, desaparecem os atabaques, pontos cantados e riscados são substituídos por palmas, prece e música suave, havendo uma predição especial pela Ave Maria de Gounod (compositor clássico). Os participantes do culto umbandista são exímios mestres em inovar, em assimilar influências, e em compor rituais<sup>100</sup>.

Há uma ressurgência de vigor místico nos cultos afrobrasileiros com a Umbanda como uma expressão sofisticada de sincretismo. A ênfase nesses cultos, nos aspectos místicos da religiosidade, é evidente como evidente vem sendo o abasileiramento de vários ritos e mitos importados da África: abasileiramento visível nas próprias comidas santas com a substituição de vegetais africanos por brasileiros.”<sup>101</sup>

A música é uma das sustentações dessas religiões. Através da música, é possível notar as distinções étnicas podendo revelar a nação de candomblé a que o

---

99 BROWN, Diana. Umbanda e Classes Sociais. In: Religião e Sociedade, nº01, São Paulo, HUCITEC, 1977.

100 BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda/ Patrícia Birman. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985, p 80.

101 FREIRE, Gilberto. Realidade Brasileira. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch/ FENAME, 1980, p.13



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

terreiro pertence ou então identificar que ritual está sendo executado. A música não é apenas dotada de um caráter invocatório. A seguir um exemplo de um “ponto cantado de caboclo”:

Oke caboclo!  
Caboclo não tem caminho para caminhar,  
Ele passa por cima das folhas,  
Por baixo das folhas,  
Em todo lugar [...].

O presente texto está alicerçado numa revisão bibliográfica dos principais trabalhos norteadores sobre religiosidade afro-brasileira. No que tange aos estudos locais, foi utilizada a dissertação de mestrado do Professor Itamar Pereira de Aguiar<sup>102</sup> e a monografia de Ruddy Aquino Wanderley<sup>103</sup>. A metodologia utilizada para definir as diferenciações das representações do Caboclo foi pautada de discurso de revistas e livros doutrinários, associadas a pesquisas de campo em terreiros e em centros espíritas fundamentados nas Observação Participante e na História Oral.

OKÊ CABOCLO! Representações do caboclo nas religiões de matrizes africanas em Vitória da Conquista

O "Caboclo" para Yeda Pessoa de Castro corresponde:

---

102 Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DFCH/UESB).

103 Graduado em licenciatura Plena em História na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e sacerdote de culto de matriz africana.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

a designação genérica dada a personificação de espíritos indígenas brasileiros, também cultuados pelos iniciados ao lado das divindades africanas, mas tidos na categoria de entidades nobres e não de santos. Tomam, por isso, nomes das mais conhecidas tribos brasileiras (Tupiniquim, Tupinambá, Cariri, etc.) precedidos por títulos de nobreza ( Dom, Sultão, Rei, Príncipe, etc). Em seus rituais, a linguagem e os cânticos são em português rudimentar misturado com palavras e expressões de línguas ameríndias e africanas, entra as últimas, uma maior freqüência de termos de base Bantu ou Congo-Angola. (CASTRO, 2001, P. 183).

A “manifestação de um Caboclo” é geralmente associada aos povos indígenas brasileiros, podendo também, em menores proporções ser associados a povos indígenas da Meso América e da América Boreal.<sup>104</sup> Existe, ainda o Caboclo Boiadeiro, que é a variação da representação mítica do homem sertanejo, o ícone dos homens do sertão .

Seu boiadeiro por aqui choveu,  
Seu Boiadeiro por aqui choveu,  
Choveu e relampejou,  
Foi tanta água que seu boi nadou

O mito do índio selvagem, corajoso e destemido tem origem no pensamento de Chateaubrien e em Fenimore Cooper. No Brasil, este pensamento inspirou a obra de José de Alencar e de Gonçalves Dias. Esse mito perpetuou-se pela publicação das obras destes autores em edições populares a baixo custo e aos

---

104 No candomblé e na umbanda é comum os adeptos comprarem imagens de gesso de caboclos em lojas especializadas. O site *Imagens Bahia* vende a imagem em gesso de um caboclo chamado de “Caboclo Inca” (nome de um povo da meso-américa). Outros exemplos significativos são as imagens em gesso do “Caboclo Pele Vermelha” e do “Cacique Pena Branca”, de forma que as imagens destes últimos são representações típicas dos apaches da América do norte.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

poucos foi sendo divulgada à população analfabeta. Neste sentido, os espíritos de índios que se manifestam nos terreiros, se enquadram nessas representações coletivas. Em transe, os médiuns soltam gritos, agitam flechas, pregam a liberdade e mantêm um discurso ousado<sup>105</sup>.

O Caboclo autêntico, vindo da floresta, depois de um aprendizado no espaço, e transportando-se para a tenda, tem o entusiasmo intolerante do cristão recentemente convertido; é intransigente como um monge atira-nos na cara nossos defeitos e chega a criticar nossas atitudes<sup>106</sup>.

Os adeptos dos cultos afros crêem também que “os caboclos travam batalhas espirituais com espíritos endurecidos ou não esclarecidos”. Esses acreditam ainda que, “uma guerra espiritual” pode se realizar quando, por exemplo, um caboclo está “trabalhando para desfazer uma mandinga”. As linhas vindouras trazem o registro de um “ponto cantado<sup>107</sup>” de um caboclo no qual se retrata o imaginário religioso em questão:

Saravá seu Pena Branca  
Saravá seu Apache  
PEGA FLECHA E SEU BODOQUE  
Para defender filhos de fé  
Ele vêm de Aruanda  
Trabalhar neste casuá  
Saravá seu Pena Branca  
No terreiro de Oxalá

---

<sup>105</sup> BASTISDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. 2ª edição. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1985, pp. 435-436

<sup>106</sup> Citado por João Freitas, Umbanda em Revista, pp 41-42. In: BASTISDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. 2ª edição. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1985. p 438

Sua flecha vai certa  
*VAI PEGAR NO FEITICEIRO*  
Que fez juras e mandingas  
Para o filho do Terreiro [...].

Os nomes dados aos caboclos é permeado de simbolismos. Esse simbolismo está presente, por exemplo, no nome do “Caboclo Sete Encruzilhadas”. Neste caso, deve ser destacado que o número “sete” além de remeter as “sete linhas de umbanda”, é também um número consagrado no misticismo e, “encruzilhadas” são justamente os locais nos quais os adeptos colocam oferendas. A nomenclatura pode estar associada a uma adjetivação cromática<sup>108</sup>; aos Orixás<sup>109</sup> à reafirmação de uma identidade do indígena guerreiro<sup>110</sup>; a povos indígenas<sup>111</sup>; a elementos do reino animal<sup>112</sup>; vegetal<sup>113</sup> e ou mineral<sup>114</sup>; nomes indígenas<sup>115</sup>; relacionados à astrologia<sup>116</sup>, etc.

Um exemplo curioso de nomenclatura é o da “Cabocla Diana da Mata”. Diana (Artémis) é divindade da mitologia greco-romana que têm influência sobre a caça.

Percebe-se neste exemplo, uma assimilação simbólica da cultura Greco-Romana pela cultura afro-brasileira.

---

<sup>107</sup> Cântico religioso presente nas religiões afro-brasileira com finalidades diversas, desde a realização de saudações, invocações e despedidas de “uma entidade espiritual”. A presença da musicalidade é quase que uma constante nestes sistemas religiosos.

<sup>108</sup> Caboclo Pena Vermelha, Caboclo Pena Branca, Caboclo Pena Verde, Caboclo Pena Azul, Caboclo Flecha Dourada etc.

<sup>109</sup> Caboclo Oxóse das Matas, Caboclo Ogum Marinho, Caboclo Ogum de Ronda, Caboclo Ogum Beira Mar, Cabocla Iansã etc.

<sup>110</sup> Caboclo 7 lanças, Caboclo Espada Dourada, caboclo 7 flechas, Caboclo Flecheiro, etc.

<sup>111</sup> Caboclo Tupinanbá, Caboclo Tupy, Caboclo Tupiniquim, Caboclo Maia, Caboclo Inca etc.

<sup>112</sup> Cabocla Àguia Amarela, Caboclo Pantera Negra, Caboclo Olho de Lobo, Caboclo Cobra Coral, etc.

<sup>113</sup> Caboclo da Mata, Caboclo Folha Verde, Caboclo Junco Verde, Caboclo Samambaia, Caboclo folha da Manhã, Caboclo Lírio Branco etc

<sup>114</sup> Caboclo Treme Terra, Caboclo Pedra Branca, Caboclo 7 Montanhas, Caboclos 7 Cachoeiras, Caboclo 7 Pedreiras etc.

<sup>115</sup> Caboclo Itapoã, Caboclo Caramuru, Cabocla Jussara, Cabocla Jurema, Caboclo Aimoré, Caboclo Humaitá, Cabocla Jacy etc.

<sup>116</sup> Caboclo Lua Branca, Caboclo do Sol, Caboclo da Lua, Caboclo Estrela Guia, Caboclo Sete Estrelas, Caboclo Estrela Guia, Caboclo Estrela da Manhã etc

Os seguidores do Candomblé acreditam que os Caboclos são hierarquicamente inferiores aos Orixás, e que são subordinados ao Orixá Oxossi<sup>117</sup>. Isto, porém não impede que um Caboclo seja também subordinado a outros Orixás.

A publicação de Olga Gudolle Cacciatore “Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros” traz uma relação de alguns caboclos com orixás distintos.

| RELAÇÃO CABOCLO/ ORIXÁ        |         |                            |        |
|-------------------------------|---------|----------------------------|--------|
| CABOCLO(A)                    | ORIXÁ   | CABOCLO(A)                 | ORIXÁ  |
| <i>Cabocla Estrela do Mar</i> | Iemanjá | Caboclo Coral              | Oxóssi |
| Cabocla Indaiá                | Iemanjá | Caboclo Pedra Branca       | Xangô  |
| Cabocla Iansã                 | Iansã   | Caboclo Sete Encruzilhadas | Oxóssi |
| Cabocla Iara                  | Iemanjá | Caboclo do Sol e da Lua    | Xangô  |
| Cabocla Jurema                | Oxóssi  | Caboclo do Vento           | Xangô  |
| Cabocla Nanã Burucum          | Nanã    | Caboclo Guiné              | Oxóssi |
| Cabocla Sereia do Mar         | Iemanjá | Caboclo Malembá            | Oxalá  |
| Caboclo Araribóia             | Oxóssi  | Caboclo Pena Branca        | Oxóssi |
| Caboclo Arruda                | Oxóssi  | Caboclo Treme Terra        | Xangô  |

Para facilitar a compreensão do culto ao Caboclo nos terreiros brasileiros, se faz necessário esclarecer inicialmente algumas diferenciações do culto banto<sup>118</sup> para o culto nagô. Enquanto os povos Yorubás possuem um culto dirigido aos Orixás, os bantos cultuavam os antepassados não-míticos relacionados à noção

<sup>117</sup> O culto ao Orixá Oxossi é bastante difundido no Brasil, mas pouco lembrado na Nigéria, o que se deve ao fato de ter sido cultuado com amplitude na cidade de Ketu onde foi consagrado como rei. Este Orixá é associado à caça, a lua e as matas. Ao som do aguerê (modelo Ketu), sua dança é bastante altiva, a pessoa que acredita estar manifestada pela energia do orixá apresenta-se como se estivesse cavalgando e caçando. Os amplos movimentos de braços, ambos, ora para a direita, ora para a esquerda, são orientados pelos passos que realizam três vezes o movimento da ida e da volta, alternadamente. O corpo voltava-se com elegância e solenidade a cada momento.

<sup>118</sup> O termo banto é um conceito genérico cunhado por estudiosos europeus no século XIX, com o objetivo de designar um amplo conjunto de línguas aparentadas presente no sul e no centro do continente Africano. Os povos bantos aportados no Brasil eram oriundos de diversos grupos étnicos, entretanto, se assemelhavam na língua e nas práticas religiosas. Os povos bantos aportados no Brasil eram oriundos de diversos grupos étnicos, entretanto, se assemelhavam na língua e nas práticas religiosas.

genealógica e territorial.<sup>119</sup> Depois que aqui se estabelecem forçosamente, esses povos buscaram se integrar a nova realidade religiosa, de forma que absorveram simbolismos do catolicismo festivo ibérico, e dos povos indígenas<sup>120</sup> Neste sentido, os bantos iniciam o culto ao ancestral das terras brasílicas, surge o culto aos índios, e gradativamente em diversas dimensões espaço-temporais, surgem o candomblé de caboclo (Bahia), a Jurema e o Catimbó (Paraíba e Pernambuco), o Jarê (Chapada Diamantina) e a Umbanda (Rio de Janeiro). O índio (chamado de caboclo) é o ancestral primitivo, é considerado como “o dono da Terra” e dessa forma, ganha centralidade nos cultos bantos.<sup>121</sup>

As religiões das nações bantos [...] foram as mais permeáveis ao influxo de outros cultos e, em primeiro lugar, dos próprios ritos nagôs e jejes. Destes, adotam não apenas o panteão - fazendo novas correspondências-, como também a estrutura das cerimônias e os ritos de iniciação. Em contato com populações indígenas e mestiças nas zonas rurais e no sertão, sofreram também a influência de cultos como a pajelança e o catimbó.”<sup>122</sup>

A presença dos caboclos é uma realidade na maioria das casas de Umbanda,<sup>123</sup> muitas vezes ele é o “espírito chefe” do terreiro. A mística umbandista em torno do caboclo é grande e ele constitui um dos pilares da religião. Os adeptos umbandistas acreditam que os Caboclos “atuam através de linhas energéticas determinadas pelos Orixás que o regem”. Um Caboclo na linha de Iemanjá difere de outro na linha de Ogum.

---

<sup>119</sup> LOPES, Nei. Bantos, Malês e Identidade Negra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p.164.

<sup>120</sup> Os indígenas assim como os africanos consideravam a natureza sagrada, e, além disso, cultuavam também os mortos através de rituais diversos, inclusive, os de possessão.

<sup>121</sup> WANDERLEY, Ruddy Aquino. No Caminho de Aruanda: O culto aos Caboclos num candomblé Ketu (monografia apresentada a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), 2003. pp. 66-69

<sup>122</sup> MAGNANI, Cantor e GUILHERME, José Umbanda. Série Princípios, Editora Atica, 1986. p 17

<sup>123</sup> O caboclo desempenha papel proeminente em cultos afros menos conhecidos como a Jurema e o Catimbó

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

Os Caboclos [...] são representados como personagens altivos, orgulhosos indomáveis. Quando desce um caboclo no corpo de um médium é impossível não reconhecê-lo: solta gritos, bate com as mãos no peito, anda pelo centro com a cabeça erguida, como um verdadeiro dono das selvas<sup>124</sup>.

Os Candomblés de Caboclo na Bahia aparece associado aos terreiros da nação angola. Entretanto, a figura do caboclo não aparece somente nos terreiros bantos baianos, ele se faz presente também no candomblés nagôs.

Nos candomblés de caboclo, o ritual é mais ou menos semelhante ao ritual jeje-nagô, sendo mesmo possível, como tive a oportunidade de assistir no candomblé da Goméia, em São Caetano, a coexistência de duas formas. Mas os santos, que aqui se chamam encantados, já não são os mesmos e se vestem de penas, embora essa vestimenta não seja obrigatória<sup>125</sup>.

A manifestação dos Caboclos acontece de norte a sul e de leste a oeste do país. Manifestações estas que não são marcadas pela uniformidade de uma religião com a outra. No candomblé, o culto ao caboclo apresenta-se com variações a depender da nação, por exemplo, no candomblé Keto tradicional esse culto é menos influente do que na nação angola. Neste último o culto se assemelha em intensidade ao que é praticado nos terreiros de Umbanda. No gegê mahin (existente na região do recôncavo baiano) é quase imperceptível, por outro lado, no tambor-de-mina a presença dos caboclos é expressiva. No catimbó, religião marcada por uma assimilação de crenças africanas, católica e indígena (com ascendência deste último), existe também transes místicos em que os iniciados gesticulam e afirmam estarem possuídos por caboclos. Segundo os fundamentos

---

<sup>124</sup> BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. Coleção Primeiros Passos - São Paulo:Abril Cultural e Editora Brasiliense 1985, p. 38.

<sup>125</sup> CARNEIRO, Edison. Religiões negras e negros bantos. 1981, p.62.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

desta religião, seus principais “guias” são também espíritos de índios, tais como: Itapuã, Xaramundy, Mussurana, Iracema e Turuatã.

Na realidade local, depois de realizadas investigações pautadas em visitas aos terreiros, anotações em caderno de campo, registros de áudio de festas, conversas informais e entrevistas com líderes religiosos, adeptos e simpatizantes, foi evidenciado que, nos terreiros da nação angola os “Caboclos” são mais reverenciados do que na nação Ketu. Esta última, por sua vez, apresenta uma preocupação maior em cultuar os Orixás do que a primeira. Nos terreiros da Nação Ketu existe o discurso da pureza da ritualística com o Orixá.

Nos terreiros da nação Ketu e Efon, quando é realizada uma festa destinada a um Orixá raramente tem ritualísticas em que os caboclos se manifestam, por outro lado, quando se realiza uma festa para os “Caboclos”, existe ritualística específica para os Orixás, e ambos se manifestam. É importante notar que quando as manifestações de Orixás e Caboclos coexistem em uma mesma festa, elas ocorrem em momentos distintos. Nos terreiros da Nação Angola quando se realiza uma festa para homenagear os Orixás, existe também a ritualística para as manifestações dos Caboclos; e quando se realiza uma festa para os Caboclos, coexiste também as manifestações de Orixás. No que tange ao ritual dos terreiros de umbanda, a maioria destes seguem a mesma lógica que os terreiros da nação Angola (ambos de origem banto), porém foram verificados casos em que era realizada somente a festa para os caboclos sem a manifestação de Orixás. Nesta perspectiva, é importante também notar que a manifestação do Caboclo nos terreiros da nação angola e na Umbanda supera em quantidade e em duração temporal, ao se comparar com a nação Ketu e Efon. Em reuniões de Quimbanda foram também registrados a presença de “Caboclos Feiticeiros”. Finalmente, foi também notado a manifestação de Caboclos em todas as casas observadas.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

Em entrevista com o sacerdote da nação Efon Pai Ruddy de Oxum, ele evidenciou algumas diferenças nas Representações do Caboclo no interior das religiões afro-brasileiras, existentes em Vitória da Conquista:

O Caboclo é visto com muita diferença no candomblé e na umbanda. Um leigo pode achar que é a mesma coisa. Mas na realidade não é, no Candomblé o caboclo é visto como um ancestral indígena, o dono da terra, pelo fato deles possuírem um grande contato com a natureza, quando eram vivos alcançaram um status elevado e se encantaram. Na umbanda, o Caboclo apesar de também ser visto como um antepassado glorioso. O Caboclo é visto como um espírito trabalhador que vem “em Terra” para prestar a caridade e conseqüentemente evoluir espiritualmente. O Caboclo é representado na Umbanda como um índio, pode também ser um vaqueiro, no caso do Caboclo boiadeiro. O Caboclo índio é conhecido como Caboclo de pena e o Caboclo Boiadeiro é conhecido como Caboclo de couro [...] (2006).

Em entrevista realizada com uma senhora chamada Rose de Iansã, mãe pequena da nação Keto de um terreiro localizado na grande São Paulo, chamado Ilê Axé Odé Oya, liderada pelo pai de babalorixá Romão de Oxóssi, traz informações sobre o culto ao Caboclo naquele estado, bem como sobre a “Ritual da Jurema”, inexistente em Vitória da Conquista:

Existem Axés em São Paulo que não cultua o Caboclo, e isso ocorre em casas da nação Ketu. A minha casa apesar de ser Ketu, o meu pai-de-santo ‘foi feito na Angola’, e quando ele mudou de nação ele não jogou o caboclo fora. As pessoas gostam mais do Caboclo do que dos orixás, os Caboclos conversam, dão consultas. Caboclo é alegre, Caboclo canta, Caboclo dança, louva a casa, o povo em geral gosta mais do Caboclo do que do santo. O nome do Caboclo do meu pai é Caboclo Tupinambá. Eu já incorporo uma qualidade de caboclo que não é de pena, ele não é índio, eu incorporo um Caboclo boiadeiro, e seu nome é Caboclo Laço de Ouro. Não existe só um boiadeiro, na

VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

realidade o que há são falanges de boiadeiros. O Caboclo traz também muitos clientes e filhos para a casa de santo. O Caboclo tira as quizilas, as coisa ruim do ambiente. O Orixá não é uma guia de incorporação que já viveu entre nós não, ele é uma energia, é uma força da natureza. Em minha casa tem um fundamento em que o caboclo é juremado, e isso quer dizer, que o Caboclo é batizado, pelo ritual feito com o pau da Jurema quente na pele das pessoas. O ritual é mais ou menos assim: abre uma cura na pessoa bota os fundamentos dentro e depois vem com o pau da jurema quente e encosta na pele da pessoa e mais umas coisas que eu não posso falar, pois é segredo da religião. Se faz para o caboclo também um assentamento, aonde coloca-se as coisas dele e é consagrado a ele. O meu Caboclo foi juremado no dia 13 de setembro, e todo aquele dia do ano é como se fosse a festa dele. (2006).

O quadro abaixo traz uma relação de nomes dos mais caboclos mais conhecidos nos terreiros conquistenses:

CABOCLOS MAIS CONHECIDOS NOS TERREIROS CONQUISTENSES

|                        |                            |
|------------------------|----------------------------|
| Cabocla Jurema         | <i>Caboclo Laje Grande</i> |
| Cabocla Jussara        | Caboclo Pena Branca        |
| Cabocla Iara           | Caboclo Pena Dourada       |
| Caboclo Boiadeiro      | Caboclo Pena Roxa          |
| Caboclo Cobra Coral    | Caboclo Pena Verde         |
| Caboclo Eru            | Caboclo Sete Flechas       |
| Caboclo Flecha Ligeira | Caboclo Sultão das Matas   |
| Caboclo Gentio         | Caboclo Tira Teima         |
| Caboclo Gira Mundo     | Caboclo Treme Terra        |
| Caboclo Juremeira      | Caboclo Tupinambá          |

Nas casas visitadas na cidade de Vitória da Conquista, existe uma presença maior dos Caboclos Boiadeiros, Sultão das Matas, Laje Grande e Gentil. Desses, o Boiadeiro é o mais freqüente nos rituais. O Caboclo Erú geralmente é associado ao indígena selvagem, e sua manifestação é caracterizada por gestos mais bruscos. No

que tange ao Caboclo Sultão das Matas, este não se manifesta apenas nos terreiros da cidade, mas também em centros Espíritas onde o Kardecismo não aparece em sua ortodoxia plena.

A crença na interferência de seres espirituais na vida dos homens não é recente, antecede à Antiguidade Clássica e se mantém até hoje. O Livro dos Espíritos informa que a expansão dos fenômenos de manifestações de espíritos ocorrem inicialmente a partir de 1948 na cidade de Hydesville, (Estado de Nova York, EUA) com as irmãs Margarida e Catarina<sup>126</sup>, através do fenômeno das mesas girantes. Esses fenômenos, em um curto período espalham-se pela Europa e chegam à França, onde são submetidos a sérios estudos coordenados por Allan Kardec (1804-1969)<sup>127</sup>, e que originam a Doutrina Espírita.<sup>128</sup>

O Espiritismo como doutrina codificada<sup>129</sup> é recente. Data de 18 de Abril do ano de 1857, com a publicação de “O Livro dos Espíritos”, em Paris.

Fundamentando um tripé composto de Religião, Filosofia e Ciência, defende postulados como a reencarnação; a pluralidade e evolução dos mundos; intercâmbio do mundo dos vivos com o mundo dos mortos, unidade e solidariedade universal e a concepção hinduísta de carma através da “lei de causa e efeito”. O espiritismo defende que Jesus Cristo é o modelo de perfeição moral e espiritual a seguir (de forma semelhante a outras denominações cristãs); contudo, apresenta ainda a obra de Allan Kardec como bússola norteadora para facilitar o entendimento dos ensinamentos do primeiro<sup>130</sup>. Apresenta também novos paradigmas a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida. Os principais lemas são “Fora da Caridade não há Salvação” e

---

<sup>126</sup> Filhas do pastor metodista John Fox

<sup>127</sup> Pseudônimo do Sr. Denizard Hypollyte León Rivail, intelectual francês, aluno de Pestalozzi.

<sup>128</sup> KARDEC, Allan, 1804-1869. O Livro dos Espíritos/ Allan Kardec: traduzido por Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva. -São Paulo: Petit, 1999, pp. 12-18

<sup>129</sup> A Codificação espírita, ou pentateuco espírita é composto pelas seguintes obras: O Livro dos Espíritos( 1857), O Livro dos Médiuns(1861), O Evangelho Segundo o Espiritismo(1864), O Céu e o Inferno( 1865) e a Gênese (1868)



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

“Nascer, morrer, renascer e progredir sempre, tal é a lei”. Os ensinamentos Kardecistas defendem que:

O Espiritismo não tem sacerdotes e não adota e nem usa em suas reuniões e em suas práticas: altares, imagens, andores, velas, procissões, sacramentos, concessões de indulgência, paramentos, bebidas alcoólicas ou alucinógenas, incenso, fumo, talismãs, cristais ou quaisquer outros objetos, rituais ou formas de culto exterior. (Panfleto Espírita “Conheça o Espiritismo, Uma Nova Era para a Humanidade, 2006)

Nas palavras de Kardec: “O Espiritismo é a nova ciência que vem revelar aos homens, por meios de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e suas relações com o mundo físico<sup>131</sup>”.

A morte de Allan Kardec em 1869, ocasionou a acentuação de tendências divergentes já existentes no interior do movimento espírita, e, nesse ambiente, desenvolveram-se alguns grupos exclusivamente filosóficos, religiosos ou científicos, de maneira que, desvinculou-se com a feição do caráter do tríplice aspecto que caracterizou a época de sua origem.<sup>132</sup>

No Brasil, o espiritismo foi implantado, primeiramente na cidade de Salvador, com a Fundação do Grupo Familiar do Espiritismo, em 1865. O kardecismo, ao chegar ao Brasil, encontrou um ambiente propício ao sincretismo, uma vez que já havia certa fusão cultural de povos indígenas, africanos e europeus.

O Espiritismo expande-se no país com maior intensidade depois da fundação da Federação Espírita Brasileira, (instituição que difunde as obras do Pentateuco Espírita, promove cursos, e organiza o movimento espírita nacional) e

---

<sup>130</sup> BULAMARCK, Samuel (Espírito) e SILVA, Lindomar Coutinho (Médium). Médium Conhece-te a ti Mesmo. Porto da Esperança. 1ª edição. Ilhéus - Bahia.: S. ed. 2004. pág 34.

<sup>131</sup> KARDEC, Allan, 1804-1869. O Evangelho Segundo o Espiritismo: contém a explicação dos ensinamentos morais do Cristo; em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações de vida/ Allan Kardec: traduzido por Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva.-São Paulo: Petit, 1997., pp. 37

da divulgação da obras de Chico Xavier. No interior baiano, a expansão do espiritismo inicia-se, a partir de 1891, com a fundação da Sociedade Espírita Cachoeirana e com o Centro phychico de Caetité em 1905<sup>133</sup>.

A expansão das instituições espíritas no Brasil nem sempre é marcada pela assimilação, à risca, das recomendações doutrinárias na Codificação Espírita e, desta maneira, justifica-se a diversidade de práticas espíritas existentes no país. O espiritismo na Bahia<sup>134</sup> apresenta traços místicos e religiosos, e não é raro existirem como Espíritos orientadores que são identificados como africanos, indígenas e orientais<sup>135</sup>.

DISTRIBUIÇÃO DAS IE POR CATEGORIA DE ESPÍRITOS ORIENTADORES/BAHIA (1991/1993)

| LOCAL              | CAPITAL (88 IE) |       | INTERIOR(IE) 96 |       | TOTAL | %     |
|--------------------|-----------------|-------|-----------------|-------|-------|-------|
| CATEGORIAS         | Nº IE           | %     | Nº IE           | %     | Nº IE | %     |
| Nenhum Espírito    | 17              | 19,3  | 36              | 37,5  | 53    | 28,8  |
| Cidadãos Comuns    | 19              | 21,6  | 26              | 27,1  | 45    | 24,5  |
| Indios/ Caboclos   | 14              | 15,9  | 02              | 2,1   | 16    | 8,7   |
| Religiosos         | 10              | 11,4  | 06              | 6,3   | 16    | 8,7   |
| Africanos          | 09              | 10,2  | 04              | 4,2   | 13    | 7,1   |
| Ligados à Medicina | 05              | 5,7   | 08              | 8,3   | 13    | 7,1   |
| Orientais          | 03              | 3,4   | ----            | ----  | 03    | 1,6   |
| Outros             | 03              | 3,4   | 03              | 3,1   | 06    | 3,3   |
| Não Responderam    | 08              | 9,1   | 11              | 11,4  | 19    | 19,8  |
| Total              | 88              | 100,0 | 96              | 100,0 | 184   | 100,0 |

IE: Instituição Espírita

<sup>132</sup> INSTITUTO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA DA BAHIA. Perfil das Instituições Espíritas da Bahia. IDEBA, 1997, p 24.

<sup>133</sup> INSTITUTO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA DA BAHIA. Perfil das Instituições Espíritas da Bahia. IDEBA, 1997, pp. 24-27

<sup>134</sup> O Brasil, e em particular o Estado da Bahia, tem sua população formada por povos originários de diversas culturas, em que o misticismo, a idolatria, o fanatismo e a superstição têm lugar de destaque em cada contingente, atendendo, naturalmente, às respectivas peculiaridades.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

Fonte: INSTITUTO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA DA BAHIA. Perfil das Instituições Espíritas da Bahia. IDEBA, 1997.

Atualmente, na cidade de Vitória da Conquista, os Caboclos se fazem presentes nos centros espíritas. Dos 14 centros espíritas<sup>136</sup> da cidade, afiliadas à União Espírita de Vitória da Conquista - UEVC, 2 (Centro de Estudo Espírita Pena Branca e o Centro Espírita João Batista) acreditam possuírem orientação espiritual "centralizada" em espíritos de Caboclos. E isto representa um percentual de 14,2 % do total das casas afiliadas. O Centro de Estudos Espírita Pena Branca, apesar de seu nome fazer referência a um Caboclo, parece não trazer em suas práticas cotidianas, reminiscências de religiões de matrizes-africanas. Por outro lado, no Centro Espírita São João Batista, o Caboclo se manifesta passando "banhos de descarrego" e chás, objetivando melhorias no campo da saúde e da desobsessão de "espíritos perseguidores".

A análise da formação do universo religioso conquistense contemporâneo não apenas evidencia os elementos culturais formadores, mas também aponta os processos de articulação, rearticulação e assimilação simbólicas na formação do sincretismo presente na formação dos terreiros da cidade. As múltiplas religiões praticadas, na atualidade, em Vitória da Conquista, são decorrentes das relações vivenciadas por aqueles que, desde o século XVIII, permutam simbolismos e experiências, em situações históricas diferenciadas, caracterizadas por conjunturas sociais, políticas e econômicas, específicas de cada época<sup>137</sup>.

---

135 INSTITUTO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA DA BAHIA. Perfil das Instituições Espíritas da Bahia. IDEBA, 1997, pp. 15-83

136 Casa Espírita Maria de Nazaré, Centro de Estudo Espírita Fabiano de Cristo, Centro de Estudo Espírita Pena Branca, Centro Espírita André Luiz, Centro Espírita Antônio Cruz, Centro Espírita Caminheiros da Esperança, Centro Espírita Caminho de Luz, Centro Espírita Colônia Nosso Lar, Centro Espírita Humberto de Campos, Centro Espírita João Batista, Centro Espírita Solar da Luz, Centro Espírita Jesus de Nazaré, Sociedade de Estudos Espírita de Vitória da Conquista, Sociedade Espírita Joana de Angelis.

137 AGUIAR, dissertação de mestrado apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP em 1999, 48-62.



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

O preconceito racial também pode ser identificado no espiritismo brasileiro.

O movimento espírita aceita mulatos e negros em seu meio, mas sob a condição de que eles recebam os espíritos dos brancos.<sup>138</sup> O discurso dos kardecistas sobre as religiões afro-brasileiras é caracterizado basicamente por duas atitudes: o silêncio e a hostilidade. Isso pode ser evidenciado, através da análise de discurso de um periódico espírita, do artigo intitulado "O espiritismo e as seitas afro-brasileiras - respeito às demais crenças é patamar adotado pela doutrina espírita", publicado em Janeiro de 2006:

Devemos deixar bem claro, a bem da verdade, que nada temos em contrário a estas seitas afro-brasileiras com temperos católicos, nem ao catolicismo, pois que aprendemos, ao adentrarmos os umbrais do Espiritismo, a respeitar todas as religiões, mas não a concordar com o que elas propagam, principalmente quando se mostram contrárias ao bom senso, à razão [...]. Compete-nos, no entanto, coerente com a pureza e legitimidade do Espiritismo, externar nosso desagrado pelo fato de ainda hoje, século XXI, se confundir Espiritismo com as seitas afro-católicas-brasileiras. [...] Quiseram jogar no ridículo e descrédito a nossa filosofia que exerceria, como exerce e exercerá, preponderantemente influência no aprimoramento moral e intelectual desta sofrida humanidade [...]. De comum, entre Espiritismo e as seitas afro-católicas-brasileiras, existe o transe mediúcnico, assim mesmo sob formas absolutamente diferentes. [...] Precisa ficar bem claro que qualquer experiência mediúcnica não é prática espírita, ainda mais quando realizada empiricamente. [...] Enquanto o Africanismo adota ritual organizado, de conformidade com tradições seculares, fundadas na crença irreal em divindades peculiares a seu culto, ou seja, adoração ou homenagem a divindade. Exemplo: culto à santíssima Trindade, à Iemanjá, a este ou àquele caboclo, orixá [...].<sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> BASTISDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. 2ª edição. Livraria Pioneira Editora. São Paulo, 1985, 438

O livro “Desafios da Mediunidade”, psicografado pelo médium espírita J. Raul Teixeira (do espírito Camilo), traz as seguintes afirmações ao se referir aos cultos de matrizes africanas:

Nada obstante, é no corpo da Doutrina Espírita que encontramos as informações mais claras e amadurecidas a respeito da mediunidade, o que oportuniza ao indivíduo que queira acercar-se dos seus estudos ou práticas um conhecimentos sem mitologias, sem credices piegas, sem ritualística<sup>140</sup>.

Os espiritistas de uma maneira ampla consideram que sua concepção de “mundo espiritual” é “mais correta” do que a dos indivíduos que freqüentam os terreiros. Postulam também que nos candomblés e nas umbandas, existe uma propensão menor para a manifestação de “Espíritos Superiores”, já que estes, segundo a crença espírita não são afinados com ritualísticas e com sacrifícios.

Entretanto, não é raro encontrar adeptos da doutrina espírita freqüentando terreiros, mesmo que de forma oculta e disfarçada. Muitos sentem vergonha de se serem apontados como indivíduos que freqüentam tais ambientes. O romance mediúnico espírita intitulado “Aruanda: Magia Negra, Elementais, Preto-Velhos e Caboclos sob a ótica Espírita”, de autoria do espírito Ângelo Inácio, através da psicografia de Robson Pinheiro, evidência a existência de preconceito de adeptos do espiritismo com os cultos afro-brasileiros:

Ouvem-se espíritas a debater teorias: Se der ‘estrimilique’, se errar na conjugação verbal e fizer menção a arruda e guiné’ que são ervas da medicina de que dispunha a população ‘é espírito atrasado’ [...] Todo cidadão espírita já passou pelo constrangimento de ser confundido com umbandista ou candomblecista. Digo constrangimento

---

<sup>139</sup> Revista Internacional do Espiritismo (RIE)- Ano LXXX-nº 12- Matão, Janeiro de 2006. Reportagem de Adésio Alves Machado - pp 5-6

<sup>140</sup> Camilo (Espírito). Desafios da mediunidade/ pelo Espírito Camilo; (psicografado por) J. Raul Teixeira.- Niterói, RJ: Fratér, 2001

porque, para muitos, é um verdadeiro pavor ter seu centro “de mesa branca” miscigenado com terreiros do baixo espiritismo.<sup>141</sup>

No que tange à questão do caboclo, o livro doutrinário espírita “Caboclos, Índios, Preto-Velhos e Outros Assuntos” traz um discurso que inferioriza os Caboclos diante dos chamados “Espíritos Superiores” do Kardecismo:

O espírito sabe perfeitamente que não é mais um índio preto velho, caboclo ou equivalente. Ele sabe que foi tudo isto na Terra. Agora não é mais. No entanto, toma tais formas apenas para melhor impressionar os encarnados, para melhor atrair a atenção do grupo mediúnico pedindo-lhes oferendas, sugerindo trabalhos de magia, aconselhando práticas cabalísticas, sustentando credices, alimentando superstições. [...] O Espírito está iludindo, está enganando, está mistificando. Não está sendo sincero. Não está usando de lealdade. E muitos encarnados, por falta de estudos doutrinários sistematizados, se deixam iludir. [...] Neste caso, então cabe ao encarnado esclarecer a entidade que age assim, de notória má fé. Esclarecê-lo amorosamente e não alimentá-lo naquela farsa ou naquela ilusão. Cabe ao encarnado dizer-lhe a verdade. É a maior caridade que pode ser feita.<sup>142</sup>

A visão espírita eurocêntrica em relação ao indígena, que é representado na figura do Caboclo, está registrado em um trecho da obra: “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, principalmente quando se defende que os Europeus são “os povos mais civilizados e esclarecidos do mundo”:

As raças que chamais de selvagens são Espíritos apenas saídos da infância e que aí estão, por assim dizer, educando-se e se desenvolvendo em contato com Espíritos

---

<sup>141</sup> INÁCIO, Ângelo (Espírito). Aruanda/ pelo espírito Ângelo Inácio; (psicografado por) Robson Pinheiro.- Contagem, MG: Casa dos Espíritos Editora, 2004. pp. 271-274

<sup>142</sup> Alves Netto, Aureliano e outros autores. Caboclo, Índios, Preto-Velhos e outros assuntos/ Aureliano Alves Netto, Celso Martins, Antonio F. Rodrigues. Capivari: Gráfica e Editora do Lar/ ABC do Interior 1ª edição, 1991; 2ª edição, pp 15-16



ISSN: 2175-5493

## VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

27 a 29 de novembro de 2006

---

mais avançados. Em seguida, vêm as raças semicivilizadas, formadas por esses mesmos em progresso. Essas são, de certo modo, as raças indígenas da Terra, que progrediram pouco a pouco no decorrer de longos períodos seculares, conseguindo algumas delas atingir o aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos<sup>143</sup>.

A análise dos discursos dos trechos acima citados aponta que existem espíritas que acreditam estarem imbuídos da missão de "aculturar" os "espíritos de índios" através da doutrinação que se reconhece "mais civilizada". E, dessa maneira, a história dos povos indígenas parece se repetir. Ao silvícola (mesmo depois de morto) precisa ser ensinado as noções elementares da "Civilização". O índio agora não possui apenas a qualidade de primitivo, ele agora é também um mentiroso, um enganador. O Caboclo precisa ser doutrinado aos moldes da Codificação Espírita por adeptos capacitados dessa doutrina. Aos autóctones americanos precisa-se ensinar os valores morais e éticos da civilização européia.

Se no Candomblé e na Umbanda o Caboclo é motivo de "alegria", no Kardecismo é motivo de incômodo.

### CONCLUSÕES

O Caboclo é uma das mais expressivas "entidades" cultuadas nos terreiros do Brasil e nos terreiros conquistenses, se fazendo presente desde os diversificados cultos de Umbanda como também nos Candomblés<sup>144</sup> das nações Keto, Angola e Efon. Por outro lado, verifica-se nas sessões mediúnicas da Doutrina Espírita valores distintos, caracterizados por uma óptica eurocêntrica sobre os povos indígenas. Não obstante, as diversidades de representações estão presentes

---

<sup>143</sup> KARDEC, Allan, 1804-1869. O Evangelho Segundo o Espiritismo: contém a explicação dos ensinamentos morais do Cristo; em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações de vida/ Allan

Kardec: traduzido por Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva.-São Paulo: Petit, 1997. p 52

<sup>144</sup> Nos candomblés conquistenses não são raras as ocasiões em que "caboclos" disputam em pé de igualdade com as divindade do panteão yorubano, os Orixás, o prestígio dos adeptos, simpatizantes e curiosos.

no interior das nações de Candomblé, bem como quando se compara Candomblé e Umbanda. Finalmente, é necessário notar que as representações pesquisadas são frutos de tradições religiosas inventadas e reinventadas que compõem a História Social das religiões e religiosidades e que apresentam, em Vitória da Conquista, especificidades locais, que não destoam da realidade global.

## REFERÊNCIAS

- BASTISDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1985, 2<sup>o</sup> edição.
- BASTISDE, Roger. 1898-1974. **O candomblé da Bahia: rito nagô**/ Roger Bastisde; tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz-2 ed.- São Paulo: Ed. Nacional; Brasília, 1978.
- BERKENBROK, Volney J. **A Experiência do Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé**/ Volney J. Berkenbrock.- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- Bíblia de Referência Thompson - Com Versículos em cadeia Temática. Compilada e redigida por Frank Charles Thompson, DD. PHD. Editora Vida, 15<sup>o</sup> impressão, 2006.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil**, I/ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.- São Paulo: Edições Paulinas, 1991. (Coleção estudos da CNBB; v. 62).
- BIRMAN, Patrícia. **O que é Umbanda**. São Paulo: Abril Cultural e Editora Brasiliense 1985, Coleção Primeiros Passos.
- BROWN, Diana. **Umbanda e Classes Sociais**. In: Religião e Sociedade. São Paulo: HUCITEC, 1977, n<sup>o</sup>01.
- BULAMARCK, Samuel (Espírito) e SILVA, Lindomar Coutinho (Médium). **Médium conhece-te a ti mesmo**. Ilhéus-Bahia: Porto da Esperança, 2004, 1<sup>a</sup>ed.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros: com a origem das palavras**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, 3<sup>o</sup> edição revista.
- CAMILO (Espírito). **Desafios da mediunidade: pelo Espírito Camilo**. psicografado por J. Raul Teixeira. Niterói: RJ: Fratér, 2001.
- CARNEIRO, Edison. **Religiões negras e negros bantos**. 1981.



ISSN: 2175-5493

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia: um vocabulário Afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal - 1900-1987**. São Paulo: Global, 2004, 49ª edição.
- FREIRE, Gilberto. **Realidade Brasileira**. Biblioteca Educação é Cultura. Rio de Janeiro: Bloch/ FENAME, 1980.
- INÁCIO, Ângelo (Espírito). **Aruanda - pelo espírito Ângelo Inácio**; psicografado por Robson Pinheiro. Contagem: MG: Casa dos Espíritos Editora, 2004.
- INSTITUTO DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA DA BAHIA. **Perfil das Instituições Espíritas da Bahia**. IDEBA, 1997.
- KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo: contém a explicação dos ensinamentos morais do Cristo; em concordância com o Espiritismo e sua aplicação às diversas situações de vida/ Allan Kardec: traduzido por Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva**. São Paulo: Petit, 1997.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos/ Allan Kardec: traduzido por Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva**.-São Paulo: Petit, 1999.
- LODY, Raul (Org.). Faraimará- **O caçador traz Alegria**. São Paulo: Pallas, 1999.
- LOPES, Nei. Bantos, **Malês e Identidade Negra**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- LOUREIRO, Lúcia. **Memórias Históricas do Espiritismo na Bahia; Repercussão no Movimento Espírita Brasileiro**. Salvador, 1994.
- MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios**. Rio de Janeiro: Universal, 2000.
- MAGNANI, Cantor e GUILHERME, José Umbanda. São Paulo: Editora Atica, 1986, Série Princípios.
- NETTO, Aureliano Alves, MARTINS, Celso e RODRIGUES, Antonio F. Caboclo, Índios, Preto-Velhos e outros assuntos. Capivari: Gráfica e Editora do Lar/ ABC do Interior, 1991.
- ORTIZ, Renato. **A Morte Branca do Feiticeiro Negro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.
- ORO, Ari Pedro. **Migração da Religião dos Orixás para o Cone-Sul**. In: MARTINS, Cléo &
- RODRIGUES, Nina. **O Animismo Fetichista dos Negros Baianos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- SOUZA, André Ricardo de Baianos. **Novos Personagens Afro-Brasileiros**. IN: Encantaria Brasileira: **O Livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Reginaldo Prandi (org.). Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- Racismos Contemporâneos - org. Ashoka Empreendedores Sociais e Takano Cidadania. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003.
- TANAJURA Mozart. **História de Conquista:Crônica de uma Cidade**. Vitória da Conquista - Ba: Brasil Artes Gráficas, 1992.



ISSN: 2175-5493

**VI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO**

27 a 29 de novembro de 2006

---

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2002, 6ª.

**Conheça o Espiritismo**, Uma Nova Era para a Humanidade. Produzido pela Federação Espírita Brasileira e Conselho Espírita Internacional, 2006.

**Revista Espírita**. Órgão mensal do Centro Espírita Religião e Ciência, Ano XI, nº08, Salvador, Bahia, Agosto de 1906.

**Revista Internacional do Espiritismo (RIE)**- Ano LXXX-nº 12- Matão, Janeiro de 2006. Reportagem de Adésio Alves Machado

**Revista Espiritual de Umbanda** Ano 01, nº 03.

AGUIAR, Itamar Pereira de. As Religiões Afro-Brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da Diversidade. Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC - São Paulo, 1999.

WANDERLEY, Ruddy Aquino. No Caminho de Aruanda: O culto aos Caboclos num candomblé Ketu (monografia apresentada a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), 2003.

Pai Júlio de Oxum, filho de Santo de Bira de Logun-Edé, que é neto de Waldomiro Baiano, babalorixá dirigente do terreiro é Ilê Asé Iyá Tomé Omim Nifã, que quer dizer Casa das Forças da Senhora das Águas de Efon. O referido templo religioso é endereçado no Rio de Janeiro, Capital; no Bairro Santa Cruz. Conjunto Liberdade. Rua 14, casa 17. Entrevista realizada em agosto de 2006. Graduado em Letras.

Rose de Iansã. Mãe pequena da nação Keto de um terreiro localizado na grande São Paulo, chamado Ilê Axé Odé Oya, liderada pelo pai de babalorixá Romão de Oxóssi. 2006.

Ruddy Aquino Wanderley. Babalaxé do Ilê Axé Yêyê Omin Titun-Aiyê Efon Guaguá Lokiti Efon, conhecido por Pai Ruddy de Oxum. Novembro de 2006.

Marcel Cadidê Mariano. Bacharel em Direito, graduado em História, médium do Núcleo Espírita Francisco de Assis em Salvador. Membro da Federação Espírita do Estado da Bahia. Entrevistado na 52ª Semana Espírita de Vitória da Conquista, em Setembro de 2005.

José Raul Teixeira. Formado em Física e pós-graduação em Metodologia do Ensino de Física pela Universidade Federal Fluminense, onde é professor. Médium e orador renomado no Brasil. Entrevistado na 52ª Semana Espírita de Vitória, em Setembro de 2005.

FONTE ELETRÔNICA

[www.uevc.com.br](http://www.uevc.com.br)

[www.pibbvc.com.br](http://www.pibbvc.com.br)